ÍNDICE GERAL

Prefácio do segundo volume . 9

LIVRO TERCEIRO

RENASCIMENTO E CONTRA-REFORMA

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Introdução 15
O que deve entender-se por Renascimento 15
O surto do capitalismo comercial no começo do século XVI . . 18
Consequências políticas e sociais dos Descobrimentos 24
A Reforma e a Contra-Reforma 30
A anarquia ideológica 37
O individualismo na arte 38
Os humanistas 43
O despontar de uma nova concepção do mundo 45
Para uma concepção científica da realidade 48
A organização da Ciência 53
O recuo ideológico do século XVII 55
Condições particulares da cultura em Portugal 60
Algumas características gerais da Cultura portuguesa neste período 66
Guia cronológico 71

CAPÍTULO II

OS MEIOS E AGENTES DA CULTURA

§ 1.º — *A PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO*

Do livro manuscrito ao livro impresso . . 111
Os trabalhadores e empresários do livro . 116

O escritor e o livro 121
Consequências político-sociais da imprensa . . . 123
Introdução e expansão da imprensa em Portugal . . 124
O comércio do livro em Portugal 132
O público 136

§ 2.º — *A CONDIÇÃO SOCIAL DO ESCRITOR*

Sobrevivências da Idade Média 141
Onde se recrutavam os escritores 143
O mecenatismo. 146
Como surge a consciência social nos escritores . . . 147
A literatura pela literatura, actividade compensatória . 151
Formas de literatura popular 152

§ 3.º — *AS INSTITUIÇÕES PEDAGÓGICAS*

A evolução das instituições pedagógicas na época da Renascença e da Contra-Reforma 154
Condicionamento económico-social da Universidade em Portugal 162
Situação da Universidade antes da transferência para Coimbra . 172
A reforma da Universidade por D. João III 176
As origens do ensino elementar médio 184
O Colégio Real de 1548 a 1555 189
O ensino no Colégio Real sob os «Bordaleses» 197
O ensino no Colégio Real sob os Jesuítas 203
A Universidade de Évora e outras escolas jesuíticas . . . 207
O conflito entre a Universidade e os Jesuítas 211
Os Estatutos de 1597 217
A «Ratio Studiorum» 224

CAPÍTULO III

GIL VICENTE, REFLEXO DA CRISE

Quem era Gil Vicente 232
As obras 245
Os precedentes do teatro vicentino 248
A evolução do teatro de Gil Vicente 254

Os tipos e personagens de Gil Vicente 266
A Corte 271
A Nobreza 277
O Camponês 286
A ideologia social de Gil Vicente 295
Gil Vicente porta-voz da ideologia da Corte 300
O amor cortês no teatro vicentino 304
A ideologia de cruzada no teatro vicentino 310
Gil Vicente, crítico do amor cortês e do ideal de cruzada . . . 313
Como deve pôr-se o problema das ideias religiosas de Gil Vicente 317
Sobre a formação religiosa de Gil Vicente 319
O pré-reformismo peninsular 326
Gil Vicente e as ofertas, indulgências e semelhantes 330
Gil Vicente e a oração 333
Concepção de Deus em Gil Vicente 339
Humanismo religioso de Gil Vicente 344
O papado e Portugal no século XVI 347
Gil Vicente e o clero 355
A sátira anti-clerical em Gil Vicente 360
Conclusão 362

CAPÍTULO IV

AS NAVEGAÇÕES E AS ORIGENS DA MENTALIDADE CIENTÍFICA

§ 1.º — *INTRODUÇÃO*

Problemas deste capítulo 369
Observação sobre as fontes utilizadas . 372
Duas hipóteses sobre os Descobrimentos 374
Quadro cronológico 380

§ 2.º — *AS INFLUÊNCIAS RECEBIDAS PELA ARTE DA NAVEGAÇÃO NAS PRIMEIRAS VIAGENS DE DESCOBRIMENTOS*

A Geografia 382
A Náutica 390
A Cosmografia e a Astrologia . 394

Os conhecimentos geográficos na Corte portuguesa e na Universidade 401

§ 3.º — DA NÁUTICA DO «RUMO E ESTIMA» À NAVEGAÇÃO POR ALTURAS

A náutica das primeiras viagens 406
A navegação astronómica 417
Síntese da evolução da náutica até cerca de 1480 425

§ 4.º — EVOLUÇÃO DA ARTE NÁUTICA

Roteiros e livros de marinharia . 430
Regime dos ventos no Atlântico Sul. 436
O problema das latitudes . . . 439
Instrumentos de observação . . 447

§ 5.º — A ORIGEM E ALCANCE DA MENTALIDADE CIENTÍFICA EM PORTUGAL

As primeiras observações críticas dos navegadores 453
A atitude científica no *Esmeraldo de Situ Orbis* 458
A definição de uma ciência experimental 461
O problema das longitudes e a declinação magnética 467
Tendências para a generalização do método científico em Portugal 472
O positivismo e o sentido do concreto na literatura e na arte . . 476
A crítica da Astrologia no século XVI 483
A posição dos humanistas 488
As instituições de cultura e a nova mentalidade 496
Condições sociais do surto e declínio da mentalidade científica em Portugal 501

CAPÍTULO V

O HUMANISMO EM PORTUGAL

§ 1.º — CONDIÇÕES E CARACTERÍSTICAS GERAIS

O que é o Humanismo 508
Condições político-sociais do Humanismo em Portugal . 516
Relações europeias da Coroa portuguesa: a defesa do monopólio da pimenta 521

Relações europeias da Coroa portuguesa: a política diplomática 528
O Humanismo ao serviço da centralização monárquica . . . 531

§ 2.º — ESTRANGEIRADOS E ERASMISTAS PORTUGUESES

Alguns centros portugueses no estrangeiro 535
Erasmistas portugueses 543
O erasmismo na Corte e na Universidade 554
Difusão do erasmismo? 556

§ — 3.º — AVERROISMO E ERASMISMO NA «RÓPICA PNEFMA»

João de Barros 563
O medievalismo da *Rópica Pnefma* . . 566
Função do paradoxo na *Rópica Pnefma* . 570
O averroismo paduano na *Rópica Pnefma* 576
Ideias sociais da *Rópica Pnefma* . . 591
Ideias religiosas da *Rópica Pnefma* . . 601
O que significa a *Rópica Pnefma?* . . 603

§ 4.º — SÁ DE MIRANDA OU O HUMANISMO DA FRUSTRAÇÃO

Quem era Sá de Miranda 606
A cultura humanística de Sá de Miranda 609
Um debate entre o individualismo e a sociabilidade . 613
O elogio da «madre Natureza» 618
Ideologia política de Sá de Miranda 623

§ 5.º — A ASSIMILAÇÃO DA SABEDORIA CLÁSSICA E DA ARTE ITALIANA

O Humanismo institucionalizado 631
Um poeta humanista: António Ferreira 634
Francisco de Holanda expoente do esteticismo renascentista . . 658
A assimilação do Humanismo à tradição medieval: Heitor Pinto 671

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES DO TEXTO . 697
ÍNDICE DOS EXTRA-TEXTOS . . . 701
BIBLIOGRAFIA 703
ÍNDICE ANALÍTICO 719